

# **Proposta de uma tipologia preliminar para as leituras de Lacan sobre Freud: uma convergência entre teoria da interpretação e a desambiguação.**

**Proposal of a preliminary typology for Lacan's readings on Freud: a convergence between interpretation theory and disambiguation.**

FELIPE CORDEIRO ALVES

## **RESUMO:**

O apontamento de passagens textuais da obra lacaniana que contenham adesões, concordâncias e o reconhecimento da genialidade Freud é uma possível objeção ao projeto da desambiguação. A discussão sobre esses trechos exige uma metodologia de leitura que oriente a investigação dessas passagens. Em face disso, este estudo propõe uma tipologia do estatuto das passagens da obra de Lacan como passo anterior ao estabelecimento de atribuições valorativas. Os elementos dessa tipologia são a **doxografia, alusão, comentário e explicação**. A distinção proposta, que não é exaustiva, pretende preservar a leitura lacaniana de desposar essa referência como chave hermenêutica da história do movimento psicanalítico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Freud – Lacan – desambiguação – hermenêutica.

## **ABSTRACT:**

Pointing out textual passages in Lacan's work that contain adherence, agreement and recognition of Freud's genius is a possible objection to the disambiguation project. The discussion of these passages requires a reading methodology to guide the investigation of these passages. In view of this, this study proposes a typology of the status of passages in Lacan's work as a step prior to establishing evaluative attributions. The elements of this typology are **doxography, allusion, commentary and explanation**. The proposed distinction, which is not exhaustive, is intended to preserve Lacan's reading of this reference as a hermeneutic key to the history of the psychoanalytic movement.

**KEYWORDS:** Freud – Lacan – disambiguation – hermeneutics.

## **Introdução**

O apontamento de passagens textuais da obra lacaniana que contenham adesões, concordâncias e o reconhecimento da genialidade Freud é uma possível objeção ao projeto da desambiguação, porém essa contestação dependerá do valor atribuído a essas passagens textuais, avaliação que, por sua vez, estará comprometida com a desambiguação ou o freudolacanismo. Dessa forma,

encontramos um problema de incomensurabilidade entre chaves de leitura que, caso não contornado, será reduzido à reafirmação de posições e apelos dogmáticos.

Este trabalho convoca a teoria da interpretação como campo reflexivo sobre a construção de modelos interpretativos e suas limitações. Ao desposar a hermenêutica, fez-se possível abordar a construção da interpretação lacaniana sobre Freud para discutir suas tendências e contexto. Como passo inicial será situada a hermenêutica relativamente à pesquisa em psicanálise para extrair as proposições orientadoras da pesquisa no tópico dedicado à metodologia.

## Metodologia

O contexto contemporâneo aparenta habilitar a expansão infinita das possibilidades interpretativas, tendência que pode inviabilizar qualquer pretensão de objetividade textual. Nessa conjuntura, a interpretação multiplica infinitamente suas possibilidades sem a presença de um mediador objetivante. A reprodução dessa tendência no campo da psicanálise implica que as diferentes formas de leitura da obra lacaniana e outros marcos teóricos, cada vez mais numerosos, estão condenadas a não encontrarem elementos gerais mediadores que revertam a ininteligibilidade entre versões sobre os mesmos escritos.

A hermenêutica contraria essa tendência à medida que conjuga a diversidade interpretativa e objetividade textual na chamada dialética da interpretação.<sup>1</sup> Essa dialética conjuga o primeiro momento da conjectura, ou, classicamente, a adivinhação<sup>2</sup> do sentido total de um escrito e sua testagem a partir da explicação que, por sua vez, produzirá novas hipóteses sobre os textos investigados. Além dessa diretriz geral, a hermenêutica oferece recursos pontuais para a produção de interpretações metodologicamente orientadas que preservam a inventividade da interpretação e sua limitação pela explicação, objetividade textual e sentido literal.<sup>3</sup>

O uso da hermenêutica e suas ferramentas são estranhas à tradição psicanalítica, ainda que, tal como a objeção à experiência clínica, pode fundamentar uma crítica geral ao seu segundo grande recurso de obtenção de conhecimento em psicanálise, a leitura dos marcos teóricos. Tornou-se lugar-comum das críticas dirigidas a esse campo a contestação da experiência clínica como confirmação de seu corpo teórico a partir da observação de que essa forma de testagem conserva uma indeterminação interpretativa. Essa indeterminação permite que qualquer resultado possa ser

<sup>1</sup> Ricoeur, P. (1976). *Teoria da interpretação*. Lisboa: Edições 70.

<sup>2</sup> Schleiermacher, F. (2000). Discursos Acadêmicos [1829]. Sobre o conceito de hermenêutica. Em *Hermenêutica: Arte e técnica da interpretação*. Petrópolis: Vozes. pp. 23-65.

<sup>3</sup> Eco, H. (2016). *Intentio lectoris: Apontamentos sobre a semiótica da recepção*. Em *Os limites da interpretação*. São Paulo: Perspectiva. pp. 34-118.

interpretado como evento confirmatório. Esse grupo de críticas aponta a inadequação metodológica e para avaliação da situação clínica que, ao não comparecerem, permitem a expansão infinita do recurso interpretativo, situação da conjuntura contemporânea.

O mesmo apontamento pode ser feito sobre a relação da psicanálise com sua segunda grande fonte de investigação, os marcos teóricos. Essa fonte tenderá a acolher a indeterminação da interpretação caso as investigações não sejam balizadas pelos recursos e concepções pertinentes à leitura investigativa que, em algum grau, estabelecerão teorizações sobre a conduta interpretativa. O primeiro passo para essa adequação, até aqui metodológica, consiste em estabelecer **o que são os proferimentos e escritos de Lacan sobre Freud?** A resposta se pretende unívoca, são comentários sobre a obra de Freud. Assim, Lacan é um comentarista de Freud. Esse é um passo metodológico.

Ainda que Lacan sugira em muitas passagens a superioridade da sua apreensão sobre a invenção de Freud em comparação a outros autores, essa pretensão não pode ser acolhida sem aderência às teorizações do próprio autor. Dessa forma, Lacan é o proponente de um círculo hermenêutico para leitura de Freud, no qual diferentes textos freudianos são interpretados a partir do sentido atribuído a toda sua obra. Não ocorre, assim, uma duplicação da figura de Freud, sendo o primeiro concernente ao texto freudiano, e o segundo aos trabalhos de Lacan. A suposição de uma autonomia das versões da teoria freudiana presentes na obra de Lacan decorrem, em parte, da integração de comentários sobre Freud no interior de seus desenvolvimentos teóricos, de forma que a admissão das teorias do autor supõe a admissão dos seus pareceres sobre a obra do fundador da psicanálise.

Outro fator contribui para a mencionada duplicação da obra freudiana, a circunstância de que Lacan constitui nos meios lacanianos a chave hermenêutica para a história da psicanálise, de modo que há um Freud conjugado à obra de Lacan e aquele contido isoladamente na obra freudiana legada, por vezes desconsiderada no lacanismo. A ideia de chave hermenêutica remonta à tradição cristã, podendo ser remetida a diferentes relações, tais como aquela proposta por das Neves<sup>4</sup> que toma o pronome pessoal “nós” (ἡμεῖς) como chave hermenêutica, ou seja, como elemento orientador e fundante da interpretação do quarto evangelho – Evangelho de João.

Interessa para esses propósitos o passo fundador do Cristianismo no qual Cristo é considerado a pessoa que integra a *Tanakh* – Velho Testamento – e o Novo Testamento, passo fundador do Cristianismo. Jesus é aquele que realiza a história do povo judeu e instância onipresente no percurso da humanidade tal como é testemunhado no Evangelho de João (8:58), “Jesus disse-lhes: Em verdade, em verdade vos digo, antes de Abraão existir, eu sou” (εἶπεν αὐτοῖς Ἰησοῦς, Ἀμὴν ἀμὴν

---

<sup>4</sup> Neves, J. C. das. (1990). O pronome pessoal ἡμεῖς como chave hermenêutica do IV evangelho. *III Simposio Bíblico Español: (I luso-espanhol)*. Valencia: Fundación Bíblica Española. pp. 361-384.

λέγω ὑμῖν, πρὶν Ἀβραὰμ γενέσθαι, ἐγὼ εἰμί). Nessa apreensão, a pessoa de Jesus complementa o significado das escrituras anteriores à sua vinda, de modo que no Cristianismo, as profecias, história do povo judaico e atos divinos anteriores convergem para o Cristo.

Elementos desse modo teleológico de leitura são verificados no tratamento dedicado a Lacan, pois os meios identificados com sua figura terminam irrefletidamente o tomando como lente a partir da qual todo o restante da Psicanálise será valorado. Nessa apreensão, novamente irrefletida, todas as contingências do movimento psicanalítico terminam se realizando em Jacques Lacan e a obra lacaniana é tratada como formulação total do conhecimento psicanalítico. A investigação aqui delimitada pretende construir uma alternativa para a utilização de Lacan como chave hermenêutica da psicanálise, deslocando-o para a condição de comentador de Freud, passo que promete diluir as mitificações familiares à associação entre os autores.

### **Lacan como chave hermenêutica e sua contribuição para a ambiguação**

Seguindo os escrúpulos assumidos pelas considerações metodológicas, cabe considerar as operações que permitiram a produção de uma leitura teleológica que constituiu o par Freud-Lacan em Psicanálise. Eidelsztein<sup>5</sup> diagnostica essa construção, encontrando nela um elemento alheio ao interesse científico, **a fidelidade à letra**. Essa fidelidade à letra do texto é apresentada como fortuita para o campo religioso, especificamente para religiões do livro, no qual está estabelecida a premissa de que os livros sagrados conservam, em algum grau ou totalmente, ditos verazes e inacessíveis à apreensão humana.

Em seu *Outro Lacan* (2017), Eidelsztein não avança na caracterização da chave de leitura freudolacanianana, indicando apenas e *in negativo* a sua inadequação para o interesse científico. Pretendemos, orientados pelo interesse hermenêutico, avançar nessa caracterização aprofundando o paralelo religioso para o par Lacan-Freud. O autor aqui apresentado é especialmente prolífico em exemplos da literatura religiosa judaica, tradição que não permite entrever ferramentas de leitura específicas do cânone cristão e que são mobilizados para a construção de uma chave interpretativa para a literatura psicanalítica.

Iniciarei essa apresentação pelo seu conteúdo lacunar. Quando consideramos a cronologia do conteúdo do texto bíblico, encontramos entre o livro de Malaquias e a profecia de João Batista quatrocentos anos de silêncio profético. Esse intervalo de séculos é denominado período

---

<sup>5</sup> Eidelsztein, A. (2017). *Otro Lacan: Estudio crítico sobre los fundamentos del psicoanálisis lacaniano*. Buenos Aires: Letra Viva.

intertestamentário,<sup>6</sup> no qual ocorreu, seguindo a narrativa bíblica, uma interrupção da manifestação divina por meio da mensagem profética.

A versão freudolacanianana do silêncio profético responde pelo hiato entre Freud e Lacan. Em que pese o fato que os dois autores foram contemporâneos, tomamos esse hiato como o período que antecede a consolidação de Lacan como figura eminente no movimento psicanalítico mundial e dominante na França. Definir esse período é uma tarefa da alçada historiográfica, porém podemos seguramente estendê-lo até o final da década de 70. Nesse contexto, temos a proeminência de outras figuras, além da sua convivência com importantes correntes institucionalizadas que forma estabelecidas anteriormente ao falecimento de Freud, em 1939. Podemos citar figuras como Melanie Klein, Hans Sachs, Ernest Jones, Donald Winnicott, Marie Bonaparte, Michael Balint e o conhecido triunvirato, composto por Ernest Kriss, Rudolph Loewenstein e Heinz Hartmann.

Essas figuras, inicialmente presumidas como sucessores de Freud, mesmo anteriormente a 1939, são reputadas na concepção freudolacanianana como extraviadas do sentido original da psicanálise. Não raramente encontramos em Lacan e seus comentaristas tipificações de especificidades do pensamento de autores não lacanianos como marcadores desse desvio. Tomemos exemplarmente o comentário de Lacan e Vladimir Granoff dedicado ao livro de Michael Balint, *Primary love and psycho-analytic technique* (1953).

Em maio de 1954,<sup>7</sup> Vladimir Granoff foi encarregado de expor o citado livro de Balint na ocasião do seminário de Lacan em *Sainte-Anne*. Na sua exposição, esse colaborador comenta que a base do livro então apresentado tem como base uma psicologia do eu, concepção que também fundamenta a forma como o autor concebe a psicanálise sua própria prática.<sup>8</sup> Esse aspecto é explorado, tal como para outros pós-freudianos, como alvo de uma desqualificação ambivalente que comporta a rejeição da plausibilidade do pensamento do autor e da procedência freudiana desse mesmo pensamento. Na mesma apresentação, Granoff sustenta paradoxalmente que Balint “chega muito perto do eu como função de mal-entendido (*moi fonction de méconnaissance*), mas em última análise, permanece muito aquém dessa noção”.<sup>9</sup> No prosseguimento de seu comentário, Granoff acrescenta ao comentário de Lacan que “ele (Balint) sofre de um distúrbio da função imaginária”, ao que é completado pelo próprio Lacan, “ele não, a teoria dele”.<sup>10</sup>

Essa estrutura de comentário é frequente na transmissão lacanianana e padece da ausência da receptividade hermenêutica. A receptividade consiste na abertura do leitor às concepções do autor

<sup>6</sup> Tonini, E. (2009). *Período interbíblico: 400 anos de silêncio profético*. São Paulo: Hagnos.

<sup>7</sup> Lacan, J. (1953-54). *Les écrits techniques de Freud*. [Online]. Disponível em <http://staferla.free.fr/S1/S1%20Ecrits%20techniques.pdf>. (Acesso em 11 de fevereiro de 2024).

<sup>8</sup> Ibidem. p. 207. (Tradução nossa).

<sup>9</sup> Ibidem. p. 208. (Tradução nossa).

<sup>10</sup> Ibidem. p. 214. (Tradução nossa).

para a apreensão do texto a ser lido, sendo uma espécie de suspensão de pressuposições que previamente orientam uma leitura. São frequentes os casos em Lacan que os autores são tomados, desde o início de seu comentário, por seu traço diferencial, no caso de Balint, sua adesão à psicologia do ego. A renúncia à receptividade produz leituras presumidas que absorvem de modo insuficiente o teor das proposições dos autores discutidos, o que termina por se provar conveniente para a construção de Lacan como primeiro freudiano.

Contribui para essa conveniência a apresentação de Lacan das suas menções a Freud, que por vezes constituem comentários, contiguamente ao desenvolvimento de suas proposições teóricas. Tal conjugação transmite a impressão de uma continuidade e resgate da letra freudiana, como se as teorizações propostas por Lacan derivassem de corolários do núcleo da obra freudiana. Essa forma de apresentação explora a receptividade hermenêutica, obtendo mais do que uma obra que conserva elementos de cientificidade poderia lograr. Jacques Lacan se fixou como um importante marco teórico da psicanálise e comentarista de Freud, mas não pode lograr a posição de realização da história da psicanálise.

O primeiro elemento dessa tendência teleológica responde pelo anteriormente apresentado silêncio profético que, para se impor na história da psicanálise, precisa silenciar a sua sucessão histórica no intervalo entre Freud e a notabilização de Lacan. Esse passo consistiu em atribuir um caráter desviante e apenas parcialmente atribuível ao pensamento psicanalítico para os autores que concorriam como o psicanalista francês na sucessão de seu fundador. Na sombra de seu **retorno a Freud** está a apresentação anti-receptiva de outros psicanalistas que é acolhida pela receptividade de seus leitores. Em outros termos, a adesão à receptividade na leitura de Lacan dificulta, em função da narrativa contida na sua obra, a receptividade aos psicanalistas que rivalizavam com o autor nas disputas entre intérpretes de Freud.

Temos como segundo elemento da tendência teleológica presente em Lacan a contiguidade entre menção, comentário e teorização que impõem ao leitor a recepção de sua chave interpretativa da obra Freudiana juntamente com suas inovações em psicanálise. Dessa forma, as proposições do autor são registradas ao lado de interpretações de Freud e outros psicanalistas à luz dessas mesmas teorias. Essa forma de apresentação termina por produzir o efeito de sentido pretendido ao tomar a própria teoria como ponto de parada da história da psicanálise, Lacan se apresenta como versão mais rigorosa, mais freudiana e mais veraz do pensamento psicanalítico.

A ocasião de sua teoria determinar o núcleo da teoria freudiana e a seleção dos extravios de seus pares e pensadores anteriores termina por produzir a redução dessas fontes pelo filtro lacaniano que, se tomado na sua progressão redutiva, estende a presentificação desse estilo em contextos

anteriores à sua atuação. É sobretudo em Freud que o efeito da apresentação dessas interpretações situa o lacanismo como elemento atômico e discretamente insinuado durante todo o desenvolvimento da psicanálise, cabendo aos psicanalistas aderirem ou extraviarem do caminho que desemboca em Lacan.

Assim, Lacan atinge uma eminência que ultrapassa as prerrogativas de teórico relevante da psicanálise e contribuinte secundário da interpretação de sua história, atingindo a posição de grande freudiano e chave hermenêutica para o seu entendimento adequado, tal como se as bases do pensamento lacaniano estivessem discretamente incluídas desde os passos inaugurais da psicanálise. Essa então nova idolatria é apenas possível a partir da mitologização da figura de Freud, tendência vigente na ocasião dos primeiros seminários e reforçada por Lacan.

A construção de Lacan como chave hermenêutica da psicanálise compromete a comunicabilidade científica da psicanálise ao conservar condutas investigativas próprias do campo teológico doutrinário utilizadas contextualmente pelo psicanalista francês em disputas e debates em seu período de atuação. Com a cristalização das pressuposições de leitura, os meios aderentes à figura de Lacan se afastaram da reflexão hermenêutica e sobre os expedientes técnicos que permitem à leitura dos marcos teóricos legar contribuições para o desenvolvimento da psicanálise.

Advertido da construção de Lacan aqui apresentada, este trabalho propõe uma tipologia introdutória das menções contidas na obra lacaniana a Freud visando diluir as construções solidárias à adesão dogmática e cristalização das conjecturas de leitura. Tal procedimento pode ser denominado análise, tendo em vista a acepção retirada da química de decomposição dos elementos de uma substância. Fazê-lo conspira para o propósito de retornar à objetividade textual na qual o texto é mudo, sendo necessário para a construção de uma leitura a introdução da intencionalidade do leitor embutida nas suas pressuposições sobre a obra.

### **Os quatro casos em exercício**

Estabelecido Lacan como comentador de Freud e consideradas as tendências de seu projeto, serão comentadas introdutoriamente os quatro casos propostos, doxografia, alusão, comentário e explicação. Essa tipificação não é exaustiva e tem caráter experimental-prototípico para reunir as primeiras considerações e questões concernentes a tal aplicação sobre o texto. Iniciaremos pela **doxografia**. Sua definição responde pela descrição ou opinião da teoria de um autor por outro. Essa forma de mencionar um teórico não apresenta o aprofundamento de uma explicação ou comentário, de modo que tem a obra do autor comentado como elemento do discurso, porém não como seu objeto de discussão.

Encontramos uma doxografia na seguinte indicação de Lacan a respeito de Freud:

Leiam o que diz Freud sobre a resistência da vida à tendência para o Nirvana, como foi designada de outra maneira a pulsão de morte no momento em que ele a introduziu. Certamente faz-se presente no seio da experiência analítica, que é uma experiência de discurso, essa tendência de retorno ao inanimado. Freud chega até aí. Mas o que constitui, diz ele, a subsistência dessa bolha – a imagem verdadeiramente se impõe à audição dessas páginas – é que a vida só retorna aí pelos caminhos de sempre, que ela uma vez traçou. O que será isto, senão o verdadeiro sentido dado ao que encontramos na noção de instinto, o de implicação.<sup>11</sup>

Nesse trecho, Lacan está inserindo na sua construção da relação entre saber e gozo na discussão sobre os discursos uma opinião a respeito da interação entre pulsão de vida e de morte em Freud. Essa indicação comporta ao mesmo tempo um elemento do desenho teórico proposto por Lacan e uma opinião sobre a obra freudiana.

A doxografia é caracterizada pela apresentação de um trecho, título ou aspecto da obra de outro autor por meio dos próprios termos e contendo juízos e caracterização dela. Temos assim, um Freud segundo Lacan, seguindo a estrutura de um testemunho que contém avaliações gerais concernentes às pressuposições desse repercutor. A menção doxográfica se caracteriza pela exposição do pensamento de um autor sobre outros trabalhos sem vistas a explicar o objeto dessas opiniões, podendo servir como significativa consideração sobre as conjecturas que orientam a investigação textual.

Já a **alusão** responde pela menção episódica a um autor no interior de uma exposição, tal como observado no seguinte trecho:

Se demoro a mostrá-lo para vocês, não é simplesmente por um recuo antes do salto que deve ser, como diz Freud, o do leão, isto é, único. E que, para compreender o que significa plenamente o evento da cena de Alcibíades-Sócrates, devemos compreender bem a intenção geral da obra. Estabelecer o terreno é indispensável. Se não sabemos o que quer dizer Platão ao trazer esta cena, é impossível situar com exatidão a sua importância.<sup>12</sup>

<sup>11</sup> Lacan, J. (1998). *Livro 17. O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. p. 16.

<sup>12</sup> Idem. (1992). *Livro 8. A transferência*. Rio de Janeiro: Zahar. p. 72.



Tal como a doxografia, a alusão não deixa de emitir juízos sobre um autor ou obra, mas certamente não tem propósitos de explicação textual, podendo cumprir em outros casos a função alegórica. Considerá-lo pode produzir importantes *insights* sobre determinado texto, porém sua adequação explicativa e verificação deve ser qualificada por um esforço complementar. Tal transição implica na transformação da alusão em comentário ou explicação por outrem.

Os dois outros elementos discriminados nessa tipologia são o **comentário** e **explicação** que, por si mesmos, indicam aprofundamento investigativo sobre os textos evocados. O comentário é o núcleo do exercício do comentarista e a explicação é um passo elucidativo dos textos e é de caráter exegético, ou seja, restringe-se aos elementos internos do texto investigado.

Um comentário completo sobre um texto é de difícil transposição em contraste com os dois primeiros tipos apresentados. Visando compor essa lista de tipos, pode ser mencionado o comentário de Lacan sobre “A dinâmica da transferência” (1912),<sup>13</sup> no qual Lacan desenvolve entendimentos e formulações articulando elementos do referido texto de Freud. Convém observar que o comentário contém explicação, sendo esse seu passo inicial, porém, o comentar, ainda que exegético, ultrapassa a consideração dos passos internos ao texto aos quais são incluídas considerações sobre a matéria abordada textualmente, seu estado da arte e posição relativa em uma obra.

Por fim, as explicações podem ser pontuais ou exaustivas. Por conveniência, será citado um trecho explicativo pontual em Lacan:

Freud, quando seguimos o seu texto [O Fetichismo], fala em *Verleulung* a propósito da posição fundamental de negação na relação com o fetiche. Mas ele também diz que se trata de *fazer manter-se de pé, aufrecht zu halten* essa relação complexa, como se falasse de um cenário. A linguagem de Freud, tão imajada e tão precisa ao mesmo tempo, tem termos que assumem aqui todo o seu valor. O horror da castração, diz ele, erigiu para ela, nessa criação de um substituto, um monumento. O fetiche é um *Denkmal*. A palavra troféu não aparece, mas na verdade está ali, duplicando o *símbolo de um triunfo, das Zeichen des Triumphes*. Muitas vezes os autores, à aproximação do fenômeno típico do fetiche vão falar daquilo pelo que o sujeito torna heráldica a sua relação com o sexo. Freud aqui nos faz dar um passo à frente.<sup>14</sup>

<sup>13</sup> Lacan, J. (1953-54). Op. cit.

<sup>14</sup> Idem. (1994). *Livro 4. As relações de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar. p. 159.

O expediente explicativo é dedicado a deslindar aspectos de construção de um texto, remontando as questões, metodologia e decisões tomadas na sua construção, mas não tece considerações sobre a matéria, obra e autor do escrito. Comentário e explicação e doxografia podem contrair, em nome de Lacan e sem maiores complementos, o estatuto de proposições sobre a obra freudiana, sendo a alusão insuficientemente estruturada para o escrutínio das proposições nelas contidas. Acrescenta-se que, mesmo em casos não alusivos, a idealização de sentido mais veraz ou autêntico de um texto não se sustenta metodologicamente, pois a objetividade textual tem no escrito a sua materialidade, que é muda. Apenas com a intencionalidade do leitor um texto pode ganhar voz, ênfases e posições previamente admitidas pelo escrito mudo.

A reflexão hermenêutica considera que uma interpretação pode ser válida ou não a depender de sua retificação pelo procedimento explicativo, de modo que não podemos contar com um sentido unívoco. O procedimento interpretativo se inicia com a incompreensão e tem como meta ideal a explicação total de um texto. Dessa forma, o sentido de Freud responde por uma construção que pode ser válida ou não, e pode apenas, no limite, reivindicar a anulação de todas as outras possibilidades interpretativas admitidas pelo escrito se, e somente se, explicar integral e totalmente toda obra freudiana.

### **Considerações finais**

O exercício dos quatro casos propostos tem como objetivo introduzir a consideração hermenêutica na leitura de Lacan. Essa introdução, considerados os princípios desposados em teoria da interpretação dilui a ambiguação entre Freud e Lacan na medida em que os limites da interpretação admitem o psicanalista francês apenas como comentarista do fundador da psicanálise, caso não tenha empreendido uma explicação total do texto freudiano. A consideração dos casos da doxografia, alusão, comentário e explicação introduzem uma metodologia embasada na teoria da interpretação que decompõe o círculo hermenêutico lacaniano e suas tendências teleológicas e messiânicas. Todos esses aspectos convergem com a proposta da desambiguação, ainda que sejam um primeiro passo na transposição da incomensurabilidade de propostas interpretativas.

## BIBLIOGRAFIA:

1. Eco, H. (2016). *Intentio lectoris: Apontamentos sobre a semiótica da recepção*. Em *Os limites da interpretação*. São Paulo: Perspectiva.
2. Eidelsztein, A. (2017). *Otro Lacan: Estudio crítico sobre los fundamentos del psicoanálisis lacaniano*. Buenos Aires: Letra Viva.
3. Lacan, J. (1953-1954). *Les écrits techniques de Freud*. [Online]. Disponível em <http://staferla.free.fr/S1/S1%20Ecrits%20techniques.pdf>. (Acesso em 11 de Fevereiro de 2024).
4. Lacan, J. (1992). *Livro 8. A transferência*. Rio de Janeiro: Zahar.
5. Lacan, J. (1994). *Livro 4. As relações de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar.
6. Lacan, J. (1998). *Livro 17. O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
7. Neves, J. C. das. (1990). O pronome pessoal *ήυεϊç* como chave hermenéutica do IV evangelho. Em *III Simposio Bíblico Español: (I luso-espanhol)*. Valencia: Fundación Bíblica Española. pp. 361-384.
8. Ricoeur, P. (1976). *Teoria da interpretação*. Lisboa: Edições 70.
9. Schleiermacher, F. (2000). Discursos Acadêmicos [1829]: Sobre o conceito de hermenêutica. In *Hermenêutica: Arte e técnica da interpretação*. Petrópolis: Vozes. pp. 23-65.
10. Tonini, E. (2009). *Período interbíblico: 400 anos de silêncio profético*. São Paulo: Hagnos.

**FELIPE CORDEIRO ALVES**

Psicanalista. Membro em APOLa Sociedade Psicanalítica, sede São Paulo.

Mestre em Psicologia, UFMG.

E-mail: felipepsi@live.com